

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Sul (IBCR-S)

Dados dessazonalizados
2002 = 100

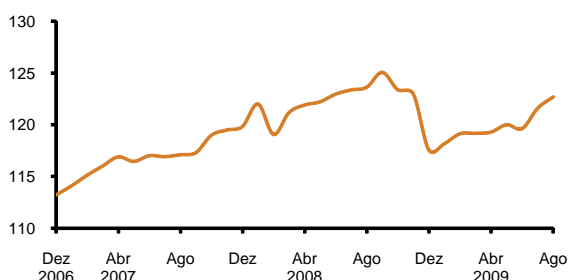
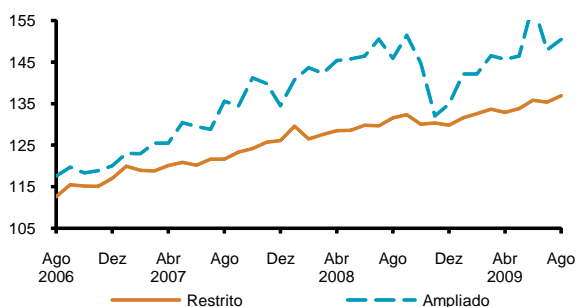


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2008	2009		12 meses
		Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	
Comércio varejista	6,6	1,6	1,9	3,8
Combustíveis e lubrificantes	4,2	0,7	-4,8	1,2
Hiper, supermercados	3,3	2,3	2,5	2,5
Tecidos, vestuário e calçados	3,1	-1,9	7,0	-2,5
Móveis e eletrodomésticos	10,9	1,6	3,4	1,7
Comércio varejista ampliado	9,7	4,6	4,3	1,9
Automóveis e motocicletas	16,3	6,3	3,9	1,7
Material de construção	7,6	1,6	2,0	-11,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A trajetória dos principais indicadores setoriais ratifica a tendência de recuperação da economia da região Sul, detectada na primeira metade do ano, com ênfase no desempenho das atividades industrial e varejista, impulsionado, em especial, pelos efeitos sobre a renda disponível decorrentes das medidas de política fiscal, da continuidade dos ganhos de rendimentos reais e do ambiente de estabilidade de preços. Nesse cenário, favorecido pela retomada das operações de crédito e pelo retorno das expectativas dos consumidores a patamar semelhante aos vigentes antes do acirramento da crise mundial, o Índice de Atividade Econômica Regional da Região Sul (IBCR-S) registrou elevação de 1,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se expandira 1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista elevaram-se 1,9% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam aumentado 1,6%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Esse resultado refletiu aumentos em sete dos nove segmentos considerados na pesquisa, com ênfase nos relativos a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 13,8%, e tecidos, vestuário e calçados, 7%. O comércio ampliado, agregando as variações registradas nas vendas de automóveis e motocicletas, 3,9%, e material de construção, 2%, cresceu 4,3% no trimestre.

As vendas varejistas acumuladas em doze meses registraram elevação de 3,8% em agosto, em relação ao período correspondente de 2008. Esse resultado, 0,7 p.p. inferior ao assinalado em maio, no mesmo tipo de comparação, refletiu, em grande parte, as expansões observadas nos segmentos material de escritório e informática, 70,1%, decorrente de investimentos empresariais em inovações tecnológicas; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 17,9%; e livros, jornais, revistas e papelaria, 15,8%. O comércio ampliado, incorporadas as variações

registradas nas vendas de automóveis e motocicletas, 1,7%, e materiais de construção, -11,6%, cresceu 1,9%, ante 4,2% no período de doze meses finalizado em maio.

Gráfico 5.3 – Índice Nacional de Confiança e comércio varejista – Sul

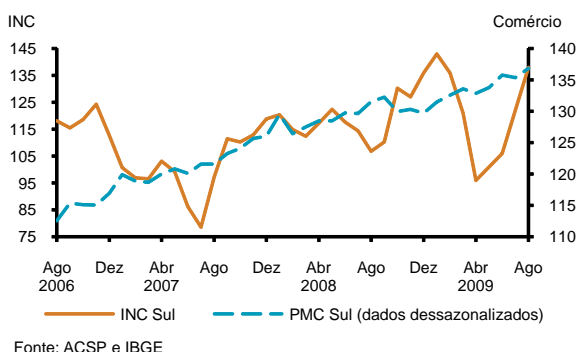


Gráfico 5.4 – Produção industrial – Sul
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

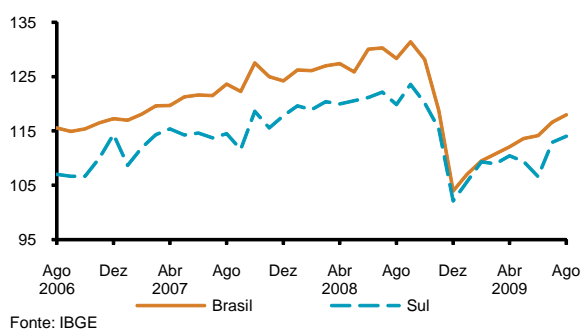


Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		Acum. 12 meses
		Mai ^{2/}	Ago ^{2/}	
Indústria geral	100,0	3,7	1,5	-6,1
Alimentos	19,7	4,8	-4,6	-2,7
Veículos automotores	13,8	18,3	0,9	-22,0
Máquinas e equipamentos	11,5	-3,9	14,2	-14,7
Refino de petróleo e álcool	7,7	4,0	1,1	3,9
Outros produtos químicos	5,3	43,6	-2,6	-5,5
Borracha e plástico	4,9	-0,1	0,6	-12,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de agosto.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O Índice Nacional de Confiança (INC) da região Sul, divulgado pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 138 pontos em agosto, ante 101 em maio e 107 em igual período do ano anterior. O desempenho do indicador refletiu a melhor avaliação das condições atuais e das expectativas em relação à economia da região.

A produção da indústria na região cresceu 1,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevava, na mesma base de comparação, 3,7%, segundo dados da PIM-PF do IBGE agregados e dessazonalizados pelo Banco Central. As atividades que demonstraram maior dinamismo foram máquinas, aparelhos e equipamentos, 14,2%, seguindo-se máquinas e mobiliário, 10,4%, contrastando com o recuo de 4,6% assinalado na atividade alimentos, responsável, no trimestre, por 19,7% da produção industrial da região.

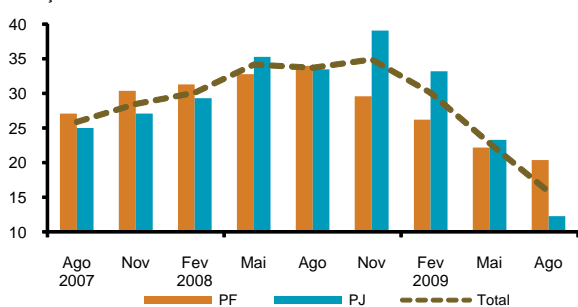
A análise de períodos de doze meses revela que a indústria da região recuou 6,1% em agosto, em relação ao intervalo correspondente de 2008, ante retração de 2,7% em maio, ressaltando-se que a intensificação do resultado negativo refletiu, principalmente, a continuidade da incorporação de meses com níveis de produção relativamente mais reduzidos. Treze das dezenove atividades incluídas na pesquisa assinalaram redução, em especial metalurgia básica, 27,4%; veículos automotores, 22%; calçados e artigos de couro, 21,5%; e madeira, 20,2%.

A evolução, na margem, dos indicadores da Pimes do IBGE indica a redução da intensidade do processo de desaceleração do emprego industrial da região Sul. Nesse sentido, os índices relativos à folha de pagamento real, ao pessoal ocupado e ao número de horas pagas após registrarem, na ordem, retrações de 3,2%, 2,7% e 1,6% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, apresentaram variação trimestral de 0,1% e de, igualmente, -0,7%, em agosto.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região Sul atingiu R\$220,9 bilhões em agosto, elevando-se 0,5% no trimestre e 15,8% em doze meses, ante aumentos respectivos de 2,8% e 15,8% em maio. O total dos empréstimos relativos ao segmento de pessoas jurídicas somou R\$121 bilhões, reduzindo-se 1,9% no

Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses - %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 5.3 – Necessidades de financiamento – Região Sul^{1/}

Sul	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2008	2009	2008	2009
	Jan-ago	Jan-ago	Jan-ago	Jan-ago
Total	-5 300	-2 605	7 132	1 788
Governos estaduais	-4 662	-2 491	7 016	1 959
Capitais	-207	-83	24	33
Demais municípios	-430	-31	92	-203

1/ Inclui os governos dos estados e dos principais municípios da região. Dados preliminares.

Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sul^{1/}

Sul	R\$ milhões						
	Dívida	Fluxos acumulados em 2009				Dívida ^{2/}	
		2008	Jan-ago				2009
		Dez	Primário	Juros	Nominal ^{3/}		Outros ^{4/}
Total (A)	64 489	-2 605	1 788	-817	-1 018	62 655	
Gov. estad.	63 793	-2 491	1 959	-532	-905	62 356	
Capitais	382	-83	33	-50	-104	227	
Demais mun.	315	-31	-203	-234	-9	72	
Brasil (B)	417 608	-23 988	11 361	-12 627	-2 776	402 205	
(A/B) (%)	15,4	10,9	15,7	6,5	36,7	15,6	

1/ Inclui os governos dos estados e dos principais municípios da região. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

trimestre, com ênfase nos recuos das operações contratadas pela indústria extrativa de petróleo e gás, por empresas de telefonia móvel e por *holdings* de instituições não financeiras, e nos aumentos das relacionadas às atividades de comércio de veículos automotores e comércio atacadista. A carteira de pessoas físicas totalizou R\$99,9 bilhões, elevando-se 3,4% no trimestre, com destaque para os desempenhos das modalidades financiamento imobiliário, crédito consignado e aquisição de veículos. Os empréstimos relativos aos segmentos mencionados elevaram-se, na ordem, 12,3% e 20,4% em doze meses.

O superávit primário dos governos estaduais e dos principais governos municipais da região Sul atingiu R\$2,6 bilhões nos oito primeiros meses do ano, reduzindo-se 50,8% em relação a igual período do ano anterior. Essa redução, refletindo o efeito da relativa rigidez das despesas em cenário de contração da atividade econômica e, em consequência, do patamar de recolhimento dos impostos – a arrecadação do ICMS, por exemplo, diminuiu 2,4%, em termos reais, no período –, traduziu o impacto dos recuos respectivos de 46,6%, 60% e 92,7% nos superávits dos governos estaduais, das capitais e dos demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência no ano, atingiram R\$1,8 bilhão no acumulado em 2009 até agosto. A retração de 74,9% em relação ao mesmo período do ano passado, refletiu, em especial, a reversão do desempenho do IGP-DI – indexador dos passivos regionais renegociados com a União que representam a parcela mais significativa do endividamento subnacional –, que cresceu 7,94% nos oito primeiros meses do ano passado, ante deflação de 1,60% em igual período de 2009.

Nesse cenário, o superávit nominal dos governos estaduais e dos principais governos municipais da região totalizou R\$817 milhões nos oito primeiros meses de 2009, ante déficit de R\$1,8 bilhão no mesmo período do ano passado. Essa reversão refletiu, em especial, o impacto de movimento semelhante no âmbito dos governos estaduais, que registraram superávit de R\$532 milhões no período. Os governos das capitais e dos demais municípios registraram superávits nominais de R\$50 milhões e R\$234 milhões, respectivamente, no período.

O estoque da dívida líquida dos estados e principais municípios da região Sul totalizou R\$62,7 bilhões em agosto, reduzindo-se 2,8% no ano, com ênfase na retração de 77,2% registrada na esfera dos demais municípios. A participação da região no endividamento de todos os

estados e dos principais municípios do país, no entanto, apresentou uma elevação de 0,2 p.p. no ano.

Tabela 5.5 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2009/2008
		Produção ^{2/} 2008	2009	
Grãos	78,6	61 321	52 957	-13,6
Soja	34,7	20 520	18 399	-10,3
Milho	20,7	25 025	18 812	-24,8
Arroz (em casca)	11,3	8 562	9 117	6,5
Trigo	5,8	5 450	4 857	-10,9
Outras lavouras				
Fumo	9,7	824	811	-1,6
Cana-de-açúcar	3,9	53 430	57 113	6,9
Mandioca	3,1	5 248	5 975	13,8
Maçã	1,9	1 120	1 219	8,9
Uva	1,5	936	907	-3,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2009.

A safra de grãos da região Sul deverá totalizar 53 milhões de toneladas em 2009, registrando recuo anual de 13,6%, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE. O desempenho negativo do setor agrícola refletiu as condições meteorológicas desfavoráveis que prejudicaram, em especial, as culturas de milho e soja, que experimentaram retrações respectivas de 24,8% e 10,3% no ano.

Segundo a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), e a Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab/PR), as cotações médias das principais culturas da região registram decréscimo nos nove primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, com ênfase nos recuos assinalados nas cotações do milho, 20,9%; feijão, 31,6%; e arroz, 2,1%. Vale mencionar que, em sentido inverso, as cotações da soja, mesmo registrando trajetória decrescente na margem – movimento associado, em parte, à expansão da safra dos EUA –, elevaram-se 2,8% no período.

Tabela 5.6 – Indicadores da pecuária – Sul

Agosto de 2009

Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	-14,7	-22,0	-5,7
Suínos	5,8	-3,2	-23,9
Aves	-1,5	-3,7	5,7

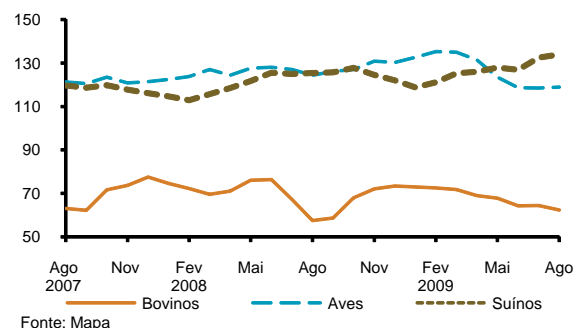
Fonte: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC

O Primeiro Levantamento de Intenção de Plantio da safra de 2010, realizado, em outubro, pela Conab, estima crescimento anual de 8,1% a 10,2% para a produção de grãos da região Sul. Esse resultado traduz as projeções relacionadas aos aumentos nas colheitas de soja, de 20,1% a 22,4%, e milho, de 8,7% a 12%, contrastando com as perspectivas de recuos nas safras de trigo, 12,9%, e de arroz, de 3,5% a 4,5%. A continuidade do processo de substituição das áreas destinadas à cultura de milho para plantio de soja, evidenciando a distinção recente entre suas rentabilidades, explicita-se nas projeções de variações de -7,3% a -9,6%, e de 3,8% a 5,9% nas áreas ocupadas pelas respectivas *commodities*, em 2010.

Gráfico 5.6 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Os abates de bovinos e de aves registraram reduções respectivas de 14,7% e 1,5% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, enquanto os relativos a suínos elevaram-se 5,8%, de acordo com estatísticas do Mapa, ante variações respectivas de -20,7%, -4% e 5,2%, até maio. As exportações de carnes bovinas, de aves e de suínos registram, na ordem, declínios de 22%, 3,7% e 3,2%, no período.

O superávit comercial da região atingiu US\$6,3 bilhões nos nove primeiros meses do ano, aumentando 37,7% em relação a igual período de 2008, de acordo com

o MDIC, com as exportações totalizando US\$24,6 bilhões e as importações, US\$18,3 bilhões. A retração de 25,7% observada nas vendas externas refletiu recuos de 12% nos preços e 15,6% no *quantum*, enquanto o decréscimo de 35,9% assinalado nas compras externas decorreu de reduções respectivas de 18,8% e 21,2%.

Tabela 5.7 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	33 107	24 600	-25,7	-25,9
Básicos	13 259	12 087	-8,8	-15,3
Industrializados	19 848	12 513	-37,0	-31,7
Semimanufaturados	2 743	1 794	-34,6	-30,9
Manufaturados ^{1/}	17 105	10 719	-37,3	-32,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O desempenho das exportações evidenciou retrações das vendas em todas as categorias de fator agregado. Os embarques de produtos manufaturados decresceram 37,3%, com ênfase nas retrações das exportações de calçados, 32,8%, e veículos, 34,5%; os relativos a semimanufaturados reduziram-se 34,6%, impactados pelo desempenho negativo dos itens óleo de soja, 54%, e couros, 42,5%, enquanto os referentes a produtos básicos recuaram 8,8%, ressaltando-se as reduções registradas nas exportações de carnes, 26,8%, e farelo e resíduos da extração de óleo de soja, 9,1%. Os principais mercados externos foram China, Argentina e EUA, com participação de 27,8% no total das vendas da região, ressaltando-se que, enquanto as vendas à China elevaram-se 5% nos nove primeiros meses do ano, em relação ao mesmo período de 2008, os embarques direcionados à Argentina e aos EUA experimentaram retrações respectivas de 39% e 49,6%.

Tabela 5.8 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	28 527	18 295	-35,9	-31,0
Bens de consumo	3 484	2 920	-16,2	-10,6
Duráveis	2 255	1 760	-22,0	-16,8
Não duráveis	1 229	1 160	-5,6	-2,7
Bens intermediários	14 527	9 174	-36,8	-32,4
Bens de capital	4 194	3 418	-18,5	-20,8
Combustíveis	6 322	2 783	-56,0	-52,4

Fonte: MDIC/Secex

A evolução das importações traduziu redução generalizada observada nas compras em todas as categorias de uso final. As aquisições de combustíveis decresceram 56%, seguindo-se os recuos assinalados nas relativas a bens intermediários, 36,8%, destacando-se as retrações nas importações de naftas, 34%, e partes e peças para veículos, 33,5%; bens de consumo duráveis, 22%, com ênfase no decréscimo das aquisições de automóveis, 27%; bens de capital, 18,5%, influenciadas pelo declínio nas compras de bombas, compressores e ventiladores, 50%; e a bens de consumo não duráveis, 5,6%, com ênfase na redução de 24,6% observada nas importações de medicamentos para medicina humana e veterinária. Os principais mercados de origem foram Argentina, China e Nigéria, com participação conjunta de 42,6% nas compras da região.

A retomada da atividade econômica no Sul segue favorecendo as condições do mercado de trabalho. Nesse sentido, de acordo com o Caged/MTE, foram criados 54,7 mil empregos formais na região, no trimestre finalizado em agosto, ante 32,5 mil naquele encerrado em maio, e 88 mil em igual período de 2008, dos quais 40,7% no setor de serviços, com ênfase nas 9,8 mil vagas geradas no segmento administração de imóveis, serviços técnicos e profissionais. É importante enfatizar que a manutenção do crescimento do trabalho formal na indústria de transformação, expressa na

Tabela 5.9 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008		2009		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	88,0	75,9	-85,6	32,5	54,7
Ind. de transformação	27,1	-4,5	-67,5	2,3	9,4
Comércio	20,5	37,0	-8,5	6,8	16,1
Serviços	30,6	29,7	0,5	27,3	22,2
Construção civil	15,1	2,7	-3,9	5,5	8,2
Agropecuária	-8,7	9,9	-4,1	-12,6	-2,1
Serv. ind. de util. pública	0,8	0,3	0,2	0,2	0,1
Outros ^{2/}	2,6	0,7	-2,4	3,0	0,9

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

criação de 9,4 mil empregos no setor, refletiu a ocorrência de resultados positivos em nove dos doze subsetores considerados, em especial nas indústrias têxtil, 6,6 mil; de alimentação e bebidas, 3,7 mil; e química, 3,6 mil, contrastando com as 10,6 mil demissões sazonais assinaladas na indústria da borracha, fumo e couro, decorrentes, principalmente, da entressafra do fumo. Adicionalmente, ocorreram contratações líquidas no comércio, 16,1 mil, e na construção civil, 8,2 mil, e eliminação de 2,1 mil empregos formais na agropecuária, representando 23,6% dos cortes assinalados no trimestre encerrado em agosto de 2008.

O nível de emprego aumentou 0,6% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia apresentado estabilidade, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. O crescimento assinalado no último trimestre refletiu as evoluções positivas observadas nos segmentos comércio, 1%; serviços, 0,9%; e construção civil, 0,5%.

Tabela 5.10 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2008	2009		
		IV Trí	I Trí	II Trí	III Trí
IPCA	100,0	0,88	1,00	1,75	0,46
Livres	72,3	1,05	0,90	1,88	0,36
Comercializáveis	34,8	1,11	-0,03	2,50	-0,81
Não comercializáveis	37,6	1,00	1,78	1,31	1,46
Monitorados	27,7	0,42	1,25	1,40	0,69
Principais itens					
Alimentação	22,1	1,83	1,09	2,16	-0,47
Habitação	14,1	0,91	0,94	3,01	1,30
Artigos residência	4,5	-0,31	0,09	1,52	-1,01
Vestuário	6,9	2,81	-1,18	3,19	0,49
Transportes	19,7	-0,31	-0,03	-0,41	0,37
Saúde	10,4	0,53	1,12	1,77	1,02
Despesas pessoais	10,9	1,59	1,95	3,98	1,43
Educação	6,5	0,12	6,08	0,15	0,65
Comunicação	4,9	0,14	0,25	0,30	0,54

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2009.

O IPCA da região Sul⁶ cresceu 0,46% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,75% naquele finalizado em junho, redução decorrente das desacelerações registradas nas variações dos preços livres, de 1,88% para 0,36%, e dos monitorados, de 1,40% para 0,69%, esta atribuída, em especial, às retrações observadas nos preços dos itens passagem aérea, 21,65% e tarifa de energia elétrica, 0,05%, e à desaceleração, de 2,33% para 0,37%, na elevação dos preços de produtos farmacêuticos.

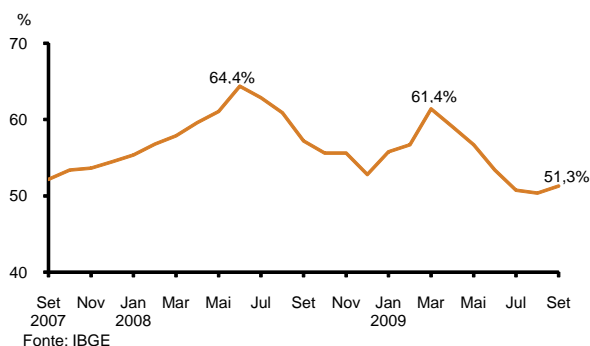
A variação dos preços livres traduziu, em especial, a desaceleração, de 2,50% para -0,81%, observada nos itens comercializáveis, com ênfase na retração de 10,18% assinalada no preço do item leites e derivados, decorrente do crescimento das importações de leite em pó, e na desaceleração das variações dos preços dos itens vestuário e cigarros, contrastando com a elevação de 2,17% observada nos preços do item automóvel novo.

Os preços dos itens não comercializáveis registraram variação de 1,46% no trimestre finalizado em setembro, ante 1,31% naquele encerrado em maio, ressaltando-se a redução da contribuição dos tubérculos, de 0,11 p.p. para 0,01 p.p., contrastando com a pressão de 0,12 p.p. inerente à elevação de 14,93% registrada nos preços das frutas.

Refletindo menor disseminação dos reajustes de preços, o índice de difusão atingiu média de 51,3% no

6/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos dessas regiões na composição do IPCA nacional.

Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul
Média móvel trimestral



trimestre finalizado em setembro, ante 53,4% no trimestre encerrado em junho.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da região Sul atingiu 4,14% em setembro, ante 4,85% em junho, trajetória decorrente das desacelerações registradas nos preços monitorados, de 3,94% para 3,81%, e nos preços livres, de 5,20% para 4,26%, favorecidas por reduções respectivas de 0,27 p.p. e 0,26 p.p. nas contribuições dos grupos alimentação e transportes.

A evolução, na margem, dos indicadores da indústria, do comércio e do emprego evidencia a consolidação da recuperação da economia da região Sul. Vale mencionar que essa trajetória, sustentada pelo desempenho dos mercados de trabalho e de crédito, ocorreu em um cenário de perdas expressivas no setor agropecuário, decorrentes de condições meteorológicas desfavoráveis e do ambiente recessivo experimentado pelos principais mercados externos da região, que deverá ser revertido no próximo ano.

Paraná

Gráfico 5.8 – Índice de Atividade Econômica Regional – Paraná (IBCR-PR)

Dados dessazonalizados

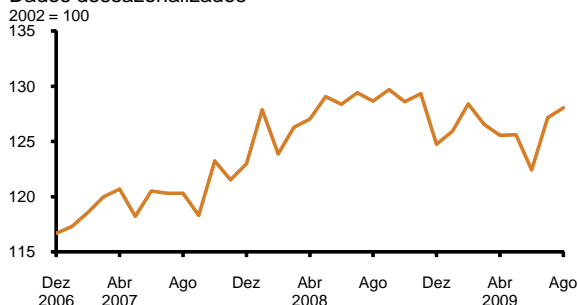
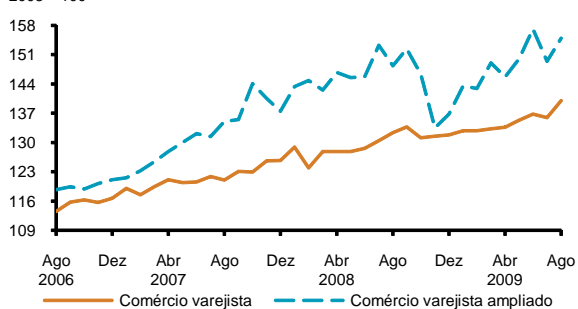


Gráfico 5.9 – Comércio varejista – Paraná

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.11 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2008	2009		12 meses
		Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	
Comércio varejista	7,0	1,2	2,6	5,0
Combustíveis e lubrificantes	2,3	-0,7	-7,8	3,4
Hiper, supermercados	3,7	1,5	4,7	3,3
Tecidos, vestuário e calçados	4,5	-1,2	3,5	-2,8
Móveis e eletrodomésticos	9,8	-0,8	4,2	-0,8
Comércio varejista ampliado	9,8	5,1	3,8	2,0
Automóveis e motocicletas	16,0	8,6	4,7	1,0
Material de construção	2,5	-1,1	1,4	-16,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Os principais indicadores da economia paranaense seguem registrando, na margem, menor dinamismo do que os relativos à região e ao país. Nesse sentido, enquanto o desempenho favorável do comércio varejista segue estimulado pelos efeitos da desoneração tributária e do crescimento da massa salarial e da retomada das operações de crédito para pessoas físicas, a evolução da economia do estado traduz, ainda, os impactos desfavoráveis das retrações da renda agrícola e da produção industrial. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional do Paraná (IBCR-PR) registrou estabilidade no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando decrescera 0,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

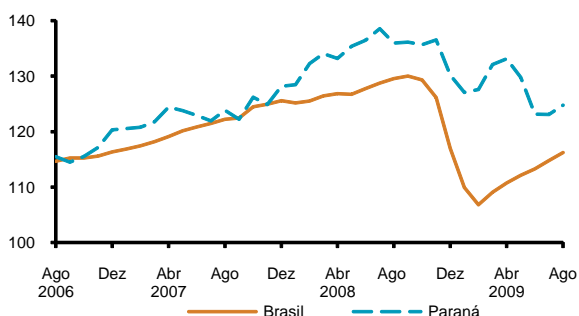
As vendas do comércio varejista paranaense aumentaram 2,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam crescido 1,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Registraram-se, no trimestre, elevações importantes nas vendas de materiais de escritório, informática e comunicação, 13,3%; hipermercados e supermercados, e artigos farmacêuticos, médicos e de perfumaria, ambas de 6,1%, contrastando com o recuo de 8,8% assinalado nas relativas a combustíveis e lubrificantes. Incorporados os aumentos observados nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 4,7%, e de material de construção, 1,4%, o comércio ampliado cresceu 3,8%, no período.

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo, em trajetória decrescente desde novembro de 2008, elevaram-se 5% em agosto, em relação a igual período de 2008, ante 5,7% em maio, com ênfase nos crescimentos assinalados nos segmentos materiais de escritório, informática e comunicação, 95%, e artigos farmacêuticos, médicos e perfumaria, 19,8%, e na retração de 2,8% observada nas vendas de tecidos, vestuário e calçados, único resultado negativo no período. As vendas de veículos, motos, partes e peças elevaram-se 1%, desempenho menos expressivo desde julho de 2006, e as relativas a material de construção recuaram 16,8%, resultando em crescimento de 2% do comércio ampliado, no período.

A produção industrial do estado recuou 3,9% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando registrara expansão de 1,7%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Dentre as quatorze atividades pesquisadas,

Gráfico 5.10 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.12 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		
		Mai ^{2/}	Ago ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	1,7	-3,9	-1,9
Produtos alimentícios	20,4	7,0	-8,4	-2,8
Veículos automotores	20,2	18,1	0,7	-21,9
Máquinas e equipamentos	9,9	-1,8	18,2	-14,4
Refino de petróleo e álcool	9,4	6,2	-4,2	3,7
Celulose e papel	7,7	-7,3	11,4	5,5
Edição e impressão	7,7	-2,6	-20,3	64,9
Madeira	4,4	-0,2	-10,1	-19,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

seis registraram resultados negativos, com destaque para produtos alimentícios, 8,4%, edição e impressão, 20,3%; e madeira, 10,1%, enquanto as expansões mais representativas ocorreram nos segmentos máquinas e equipamentos, 18,2%, e celulose e papel, 11,4%. Vale mencionar que o desempenho desfavorável dos segmentos alimentos e veículos automotores refletiu, em especial, a relevância da demanda externa para a sustentação da produção das montadoras instaladas no Paraná e as retrações assinaladas nas exportações de carne bovina e de frango.

Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria do estado, em trajetória declinante desde setembro de 2008, decresceu 1,9% em agosto, em relação a igual intervalo do ano anterior, com ênfase nas reduções assinaladas nos segmentos veículos automotores, 21,9%, máquinas e equipamentos, 14,4%, madeira, 19,7%, e alimentos, 2,8%.

Os indicadores da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), considerados dados dessazonalizados, assinalaram desempenho divergente na margem, com o aumento de 2,1 p.p., para 78%, registrado pelo Nuci no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, contrastando com o recuo de 0,7% experimentado, no período, pelas vendas reais.

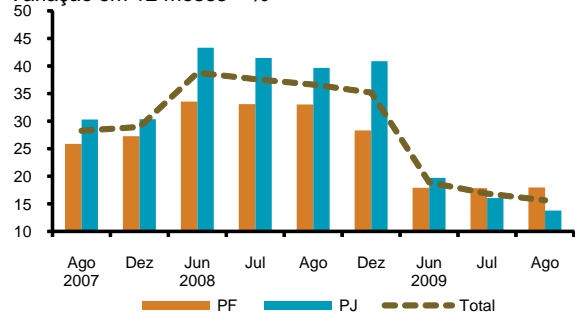
De acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Cimento (SNIC), a demanda por cimento, embora em ritmo mais lento do que em 2008 e abaixo da média nacional, segue em expansão no Paraná. Nesse sentido, o consumo aparente do produto cresceu 3,2% nos seis primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, representando 5,9% do total consumido no país.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no Paraná atingiu R\$81,8 bilhões em agosto, assinalando variações de 1,4% em relação a maio e de 15,6% em doze meses. O total dos empréstimos no segmento de pessoas físicas atingiu R\$36,7 bilhões, aumentando 2,7% no trimestre e 18% em doze meses, com ênfase na evolução das modalidades financiamento imobiliário e empréstimo pessoal. A carteira das pessoas jurídicas totalizou R\$45,1 bilhões, registrando variações respectivas de 0,4% e 13,8% nas bases de comparação mencionadas, ressaltando-se o menor dinamismo das operações referentes às atividades telefonia móvel e veículos automotores.

O superávit primário do governo estadual e dos principais governos municipais do Paraná totalizou R\$189

Gráfico 5.11 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 5.13 – Necessidades de financiamento – Paraná^{1/}

Paraná	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2008	2009	2008	2009
	Jan-ago	Jan-ago	Jan-ago	Jan-ago
Total	-2 109	-189	1 354	687
Governo estadual	-1 854	-170	1 304	903
Capital	-41	-15	-3	14
Demais municípios	-214	-4	53	-229

1/ Inclui o governo e os principais municípios do estado. Dados preliminares.

Tabela 5.14 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Paraná^{1/}

Paraná	Dívida	Fluxos acumulados em 2009				Dívida ^{2/} 2009 Ago
		2009				
		Jan-ago				
		Dez	Primário	Juros	Nominal ^{3/} Outros ^{4/}	
Total	16 097	-189	687	499	-362	16 234
Gov. estad.	15 714	-170	903	733	-296	16 151
Capital	216	-15	14	-1	-65	150
Demais mun.	167	-4	-229	-233	-1	-67

1/ Inclui o governo e os principais municípios do estado. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.15 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas			Variação % 2009/2008
		Produção ^{2/}			
		2008	2009 ^{1/}		
Grãos	81,4	31 968	24 967	-21,9	
Feijão	7,8	771	753	-2,4	
Milho	23,8	15 613	11 297	-27,6	
Soja	39,2	11 800	9 492	-19,6	
Trigo	6,6	3 068	2 774	-9,6	
Outras lavouras					
Cana-de-açúcar	6,9	51 244	55 086	7,5	
Fumo	3,3	148	146	-1,5	
Mandioca	2,4	3 326	4 118	23,8	

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2009.

milhões nos oito primeiros meses do ano. A redução de 91,1% observada em relação a igual período do ano anterior refletiu as retrações respectivas de 90,8%, 64,4% e 97,9% nos resultados da esfera estadual, da capital do estado e dos demais municípios.

Os juros nominais no ano, apropriados por competência, atingiram R\$687 milhões até agosto, recuando 49,2% em relação ao mesmo período de 2008, com ênfase na contribuição, para esse resultado, da deflação de 1,6% registrada pelo IGP-DI, indexador da maioria dos passivos regionais renegociados com a União. Em contraposição, nos dois primeiros quadrimestres de 2008, o IGP-DI havia registrado elevação de 7,94%. O resultado nominal foi deficitário em R\$499 milhões nos oito primeiros meses do ano, ante superávit de R\$755 milhões em igual período de 2008.

A dívida líquida do estado e principais municípios atingiu R\$16,2 bilhões em agosto de 2009, elevando-se em 0,9% no ano. No governo do estado, apurou-se crescimento da dívida líquida de 2,8% no ano; no governo da capital, registrou-se queda de 30,6%; e nos governos dos demais municípios a dívida líquida de R\$167 milhões passou para crédito líquido de R\$67 milhões. A participação do estado no endividamento regional total, considerados todos os estados e os principais municípios da região Sul, atingiu 25,9%, elevando-se 0,9 p.p., no período.

A safra de grãos do Paraná deverá totalizar 25 milhões de toneladas em 2009, de acordo com o LSPA de agosto do IBGE. A redução anual de 21,9% projetada para o setor reflete os recuos significativos, decorrentes de condições meteorológicas adversas, observados nos rendimentos médios das culturas de feijão, 22,2%; milho, 22,8%; soja, 21,3%; e trigo, 23%, principais lavouras do estado. Projeções do Departamento de Economia Rural (Deral) da Seab/PR, em linha com as realizadas pelo IBGE, estimam redução de 22,5% para a produção de grãos de estado em 2009.

O Valor Bruto da Produção Agrícola (VBP) do estado, considerando o LSPA de setembro e os preços médios recebidos pelos produtores do Paraná, de janeiro a setembro, divulgados pela Seab/Deral, deverá recuar 22,6% no ano. O prognóstico da Seab/Deral para a safra de 2010, divulgado em setembro, revela que a produção de grãos relativa à primeira safra de verão, em fase de plantio, deverá crescer 26% no ano, totalizando 20,8 milhões de toneladas.

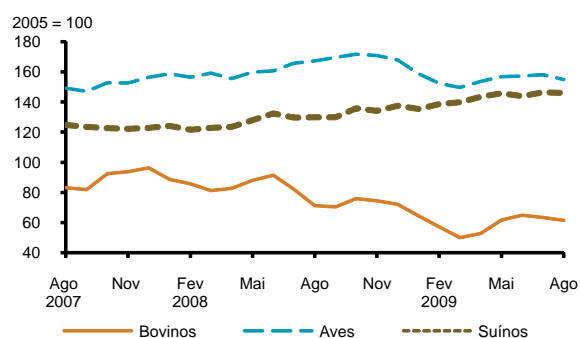
Vale mencionar que a área destinada ao plantio de soja, em detrimento do cultivo de milho e feijão, deverá crescer 7,3%, resultando em aumento anual de 40,1% na produção do grão. Nesse cenário, o primeiro levantamento de intenção de plantio da Conab, para a safra de 2010, estima aumentos de, até 1,5% na área plantada, e de 15,8% a 18,2% na produção de grãos, ressaltando-se a perspectiva de crescimento de 35,6% na colheita de soja.

Os abates de bovinos e de frangos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF recuaram, na ordem, 28% e 5,1% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, enquanto os relativos a suínos, impulsionados pela intensificação da demanda externa, aumentaram 12,4%. A participação do Paraná no total de abates realizados no país atingiu, na ordem, 3,4%, 26,6% e 17,4%, no período, enquanto os preços médios recebidos pelos produtores no estado registraram, de acordo com a Seab, variações respectivas de -2,4%, 3%, e -27,3%.

O superávit comercial paranaense atingiu US\$2,2 bilhões nos nove primeiros meses de 2009, elevando-se 82,7% em relação a igual período do ano anterior, ante variação de 8,1% em âmbito nacional. As exportações totalizaram US\$8,8 bilhões, e as importações, US\$6,7 bilhões, resultando em retração de 33,2% na corrente de comércio do estado, ressaltando-se que a redução de 27,6% observada nas vendas externas refletiu recuos de 12% nos preços e de 17,8% no *quantum*, enquanto o decréscimo de 39,4% experimentado pelas compras externas resultou de retrações respectivas de 15,9% e 28,5%.

Consideradas por categorias de fator agregado, as exportações do estado registraram recuo generalizado no período, com ênfase nas retrações dos embarques de produtos manufaturados, 41,8%, impactados pelas reduções nas exportações de automóveis de passageiros, 34,5%; óleo de soja refinado, 83%; e madeira compensada, 52%; e de semimanufaturados, 21,9%, refletindo, em especial, o impacto das reduções nos embarques de óleo de soja em bruto, 52,6%, e produtos semimanufaturados de ferro e aço, 53,5%, atenuado, em parte, pelo crescimento de 40% nas vendas de açúcar em bruto. As exportações de produtos básicos decresceram 11,2%, com ênfase nas reduções relacionadas aos embarques de carne de bovino congelada, 67,1%, e carne de frango, 23,5%. A China, concentrando suas compras em *commodities* agrícolas, constituiu-se no principal destino das vendas externas paranaenses, absorvendo, em conjunto com a Alemanha, Argentina, Holanda e França, 38,2% das exportações do estado.

Gráfico 5.12 – Abates de animais – Paraná
Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

Tabela 5.16 – Balança comercial – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Exportação	12 168	8 813	-27,6	-25,9
Importação	10 988	6 656	-39,4	-31,0
Saldo	1.181	2.157	82,7	8,1
Corrente de comércio	23 156	15 469	-33,2	-28,3

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.17 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	12 168	8 813	-27,6	-25,9
Básicos	4 823	4 283	-11,2	-15,3
Industrializados	7 345	4 530	-38,3	-31,7
Semimanufaturados	1 290	1 007	-21,9	-30,9
Manufaturados ^{1/}	6 055	3 523	-41,8	-32,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.18 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	10 988	6 656	-39,4	-31,0
Bens de consumo	1 470	1 165	-20,8	-10,6
Duráveis	1 047	832	-20,5	-16,8
Não duráveis	423	333	-21,3	-2,7
Bens de capital	1 506	1 172	-22,2	-20,8
Bens intermediários	5 445	3 358	-38,3	-32,4
Combustíveis	2 568	962	-62,5	-52,4

Fonte: MDIC/Secex

As importações do estado registraram retrações generalizadas – e mais intensas do que as assinaladas no país – em todas as categorias de uso. As aquisições de matérias-primas e bens intermediários recuaram 38,3%, com ênfase nas reduções nas compras de adubos e fertilizantes, 74,5% e combustíveis, 62,5%, enquanto as importações de bens de consumo duráveis e de bens de consumo não duráveis, impactadas pela menor demanda por móveis e feijão preto, decresceram, na ordem, 20,5% e 21,3%. As aquisições de bens de capital, evidenciando o menor ritmo dos investimentos nas empresas paranaenses, reduziram-se 22,2% nos nove primeiros meses do ano. A Argentina se constituiu na principal origem das importações do estado, concentradas em automóveis de passageiros e suas partes, malte e trigo, seguindo-se Nigéria, China, Alemanha e EUA, ressaltando-se que as aquisições de bens dos cinco países mencionados representaram 54,3% do total das compras do estado.

Tabela 5.19 – Evolução do emprego formal – Paraná

Novos postos de trabalho

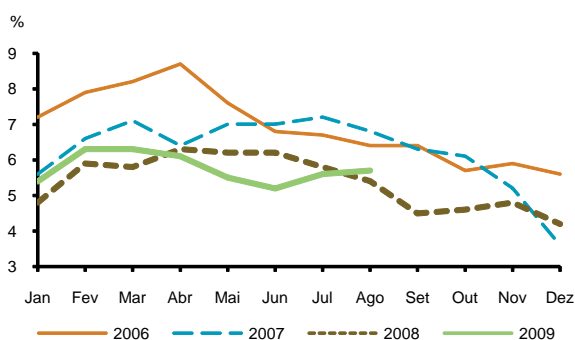
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008		2009		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	42,3	23,2	-45,7	30,5	27,3
Ind. de transformação	11,1	1,6	-27,8	7,9	6,4
Comércio	9,7	12,4	-3,8	3,2	7,3
Serviços	12,5	7,5	-2,1	10,5	8,9
Construção civil	6,3	1,3	-1,9	3,3	3,3
Agropecuária	1,9	0,4	-9,3	5,0	0,8
Serv. ind. de util. pública	0,2	0,1	-0,1	-0,2	0,2
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A recuperação do mercado de trabalho paranaense se traduziu na criação de 27,3 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em agosto, ante 30,5 mil naquele encerrado em maio, de acordo com o Caged/MTE, ressaltando-se que, considerados dados dessazonalizados, a geração de empregos formais assinalou expansão trimestral de 0,6%, resultado mais expressivo desde o acirramento da crise internacional. Vale mencionar que, nos meses de julho a agosto, ocorreram aumentos no número de postos de trabalho em dez dos doze segmentos da indústria considerados pelo Caged/MTE, e que, repetindo o padrão observado no trimestre encerrado em maio, os aumentos mais representativos registraram-se nos setores serviços, 8,9 mil vagas, das quais 3,8 mil no ramo corretagem e administração de imóveis; comércio, 7,3 mil; e na indústria de transformação, 6,4 mil, com ênfase nos aumentos relativos às atividades alimentos e bebidas, 2,1 mil, e têxtil e vestuário, 1,8 mil.

Gráfico 5.13 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba

Fonte: Iparades/IBGE

De acordo com a PME, elaborada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparades) em convênio com o IBGE, a taxa de desemprego na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) situou-se em 5,7% em agosto, ante 5,5% em maio, reflexo de redução de 0,1% na população ocupada e de aumento de 0,3% na PEA. Os rendimentos médios habituais reais elevaram-se 7% no trimestre e 5% em doze meses, enquanto a taxa de desemprego, considerados dados dessazonalizados, atingiu 5,4% em agosto, elevando-se 0,5 p.p. em relação a maio.

O IPCA da RMC cresceu 0,51% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,81% naquele finalizado em

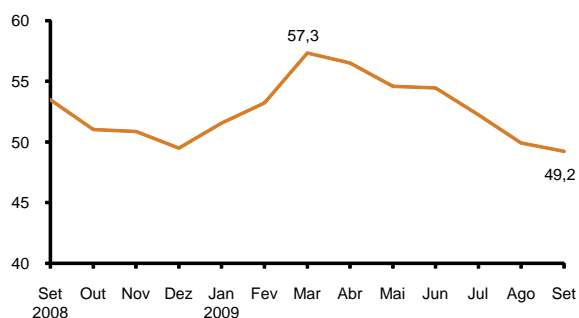
Tabela 5.20 – IPCA – RMC

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2008	2009		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	0,52	1,26	1,81	0,51
Livres	71,2	0,84	1,12	1,75	0,52
Comercializáveis	33,6	0,66	0,32	2,35	-0,53
Não comercializáveis	37,6	1,01	1,83	1,22	1,46
Monitorados	28,8	-0,27	1,60	1,95	0,48
Principais itens					
Alimentação	21,2	1,76	1,27	1,83	-0,12
Habitação	13,6	0,58	2,14	2,62	1,08
Art.residência	4,4	-1,94	1,63	3,47	-1,76
Vestuário	6,3	2,07	-0,91	2,57	1,56
Transportes	22,4	-0,68	0,03	0,48	0,21
Saúde	9,9	0,40	0,91	1,67	1,50
Desp. pessoais	10,7	1,28	2,28	4,19	0,75
Educação	6,6	0,07	5,47	0,17	0,73
Comunicação	5,0	0,24	0,08	0,63	0,80

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a setembro de 2009.

Gráfico 5.14 – Índice de difusão IPCA – Curitiba
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

junho, movimento associado às desacelerações observadas nas variações dos preços livres, de 1,75% para 0,52%, e nos monitorados, de 1,95% para 0,48%, esta evidenciando o impacto mais acentuado das reduções registradas nos preços dos itens passagem aérea, 11,93%; óleo diesel, 3,19%; e gasolina, 0,58%, em relação ao decorrente das elevações nos itens gás de bujão, 4,14%; plano de saúde, 1,82%; e telefone fixo, 1,15%.

A trajetória dos preços livres refletiu tanto o recuo, de 2,35% para -0,53%, na variação dos preços dos produtos comercializáveis, com ênfase no impacto dos decréscimos relativos aos preços dos itens leites e derivados, 8,69%; móveis e utensílios, 2,08%; e aparelhos eletroeletrônicos, 2,01%, quanto a aceleração, de 1,22% para 1,46% nos preços dos itens não comercializáveis, impulsionada, em especial, pelas elevações nos preços dos itens frutas, 7,93%; e cursos diversos, 3,44%. O índice de difusão, revelando menor dispersão dos aumentos dos preços, atingiu 49,2%, em média, no trimestre encerrado em setembro, ante 54,5% naquele finalizado em junho.

Considerados períodos de doze meses, a inflação na RMC atingiu 4,15% em setembro, ante 4,61% em junho, comportamento decorrente das desacelerações observadas nas variações dos preços livres, de 4,57% para 4,24%, ressaltando-se a redução, de 3,58% para 2,78% no âmbito dos itens comercializáveis, e dos monitorados, de 4,52% para 3,79%.

O ritmo da recuperação da atividade econômica paranaense, menos intenso do que o observado em outros estados, segue sustentado pelo crescimento do mercado interno, mas reflete, em grande parte, o impacto da conjuntura agropecuária desfavorável sobre a renda agrícola e a cadeia produtiva do estado. A efetiva retomada da atividade econômica no Paraná deverá ganhar contornos mais nítidos nos próximos meses, perspectiva derivada tanto das estimativas favoráveis em relação à produção agrícola, quanto dos indicativos de superação dos ciclos recessivos nas principais economias mundiais, com desdobramentos positivos sobre as exportações do estado. Nesse cenário, fortalecido pelas melhoras nos mercados de trabalho e de crédito, devem ser considerados, no entanto, os possíveis efeitos da interrupção dos benefícios fiscais introduzidos pelo governo federal em resposta à retração da atividade econômica observada a partir do final de 2008.

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.15 – Índice de Atividade Econômica Regional – Rio Grande do Sul (IBCR-RS)

Dados dessazonalizados
2002 = 100

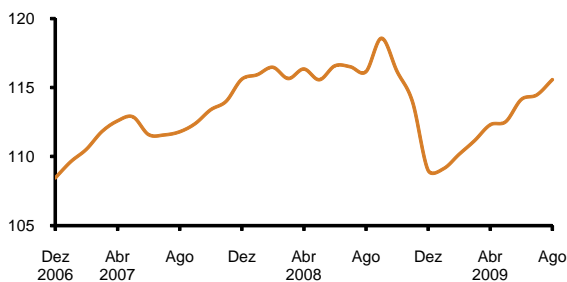


Gráfico 5.16 – Comércio varejista – RS

Dados dessazonalizados
2003 = 100

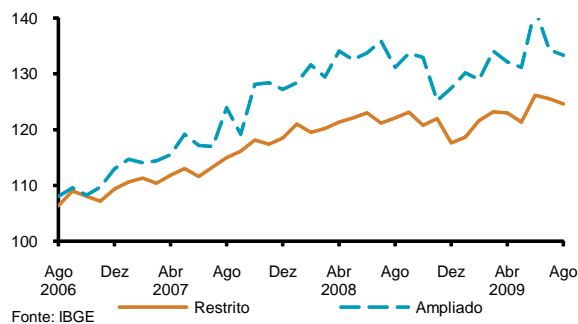


Tabela 5.21 – Comércio varejista – RS

Geral e setores selecionados

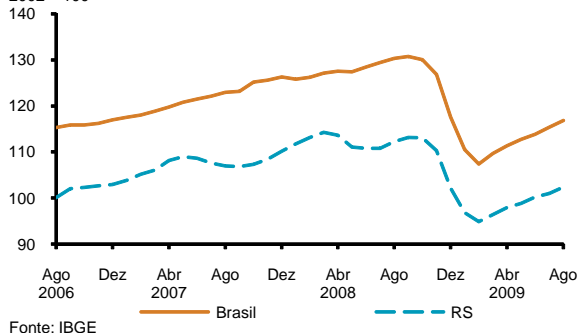
Discriminação	Variação % no período			
	2008	2009		
		Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,4	2,5	2,6	1,5
Combustíveis e lubrificantes	7,2	-0,5	1,3	-3,8
Hiper, supermercados	3,4	3,4	0,8	0,6
Tecidos, vestuário e calçados	1,0	-4,1	10,8	-3,9
Móveis e eletrodomésticos	12,2	3,0	3,4	2,9
Comércio varejista ampliado	9,5	2,8	3,0	1,6
Automóveis e motocicletas	16,2	5,8	4,9	5,0
Material de construção	13,6	-2,8	1,1	-10,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.17 – Produção industrial – RS

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



A evolução dos principais indicadores setoriais da economia gaúcha segue evidenciando a consolidação da recuperação da atividade no estado, em ambiente de trajetória decrescente da inflação. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul (IBCR-RS) registrou elevação, de 2,4% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia crescido 2,3%, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas aumentaram 2,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando cresceram 2,5% neste tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE, com ênfase nos aumentos relativos aos segmentos tecidos, vestuário e calçados, 10,8%; e livros, jornais, revistas e papelaria, 4,6%. O comércio ampliado, incorporadas as variações de 4,9% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de 1,1% nas associadas a materiais de construção, cresceu 3% no período.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas elevaram-se 1,5% em agosto, em relação a igual período do ano anterior, ante 2,6% em maio, registrando-se resultados positivos em seis dos nove segmentos analisados, com destaque para livros, jornais, revistas e papelaria, 18,7%; equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 14,1%; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 13,8%. O comércio ampliado, refletindo a elevação de 5% assinalada nas vendas de veículos, motos, partes e peças e a retração de 10,4% nas relativas a materiais de construção, que reagiram de forma mais moderada à política de isenção fiscal temporária do governo federal, cresceu 1,6% no período.

A produção da indústria gaúcha, evidenciando a recuperação do setor na margem, aumentou 3,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 4,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Dez das quatorze atividades incluídas na pesquisa registraram evolução favorável no trimestre, com ênfase nas expansões assinaladas nos segmentos metalurgia básica, 19,9%; mobiliário, 14,8%; e máquinas e equipamentos, 13,2%, contrastando com as retrações de, igualmente, 1,4%, observadas nas indústrias de borracha e plástico, e de produtos de metal.

Vale mencionar que o crescimento experimentado pela atividade máquinas e equipamentos, que representa cerca

Tabela 5.22 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
 Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2009		
		Mai ^{2/}	Ago ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	4,2	3,7	-8,7
Alimentos	17,1	1,9	1,4	-2,4
Fumo	12,9	0,4	18,4	1,0
Máquinas e equipamentos	11,1	-7,6	13,2	-16,5
Veículos automotores	10,9	26,0	8,8	-18,8
Refino de petróleo e álcool	10,6	4,1	5,6	4,1
Outros produtos químicos	9,8	69,6	0,0	-6,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de agosto

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

de 10% da produção industrial gaúcha, foi favorecido pelas expectativas de comercialização na Exposição Internacional de Animais (Expointer)⁷, realizada entre 30 de agosto e 6 de setembro. O evento registrou, segundo o governo do estado, aumento anual recorde de 114% nas vendas de equipamentos agrícolas, resultado que, de acordo com o Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no Rio Grande do Sul (Simers), refletiu o estímulo exercido pelas linhas de crédito específicas no âmbito dos programas Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame), do BNDES, e Mais Alimentos, instituído pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em 2008 para modernizar a infraestrutura das unidades produtivas familiares.

Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria gaúcha recuou 8,7% em agosto, em relação a igual intervalo de 2008, ante decréscimo de 5,6% em maio. Esse movimento refletiu a ocorrência de resultados negativos em onze das quatorze atividades incluídas na pesquisa, com ênfase nas retrações relativas aos segmentos metalurgia básica, 26,9%; calçados e artigos de couro, 21,5%; veículos automotores, 18,8%; e máquinas e equipamentos, 16,5%, contrastando com os aumentos nas produções de celulose, papel e produtos de papel, 5,9%; refino de petróleo e álcool, 4,1%; e fumo, 1%.

Tabela 5.23 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2009		
	Mai ^{2/}	Ago ^{2/}	12 meses
IDI	-3,8	1,1	-8,7
Vendas industriais	-1,2	4,1	-8,5
Pessoal ocupado	-3,7	-1,2	-3,6
Horas trabalhadas	-3,2	2,7	-7,7
Nuci ^{1/}	78,6	79,8	81,0

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI) da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), considerados dados dessazonalizados, cresceu 1,1% no trimestre encerrado em agosto, ante retração de 3,8% naquele finalizado em maio, reversão decorrente do impacto das expansões observadas nas vendas industriais, 4,1%; nas horas trabalhadas, 2,7%; e no Nuci, 1,2 p.p., neutralizado, em parte, pelo recuo de 1,2% no pessoal ocupado. Considerados períodos de doze meses, o IDI, refletindo retrações nas vendas industriais, 8,5%; nas horas trabalhadas, 7,7%; no pessoal ocupado, 3,6%; e no Nuci, 5,9 p.p., recuou 8,7% em agosto, em relação a igual período de 2008.

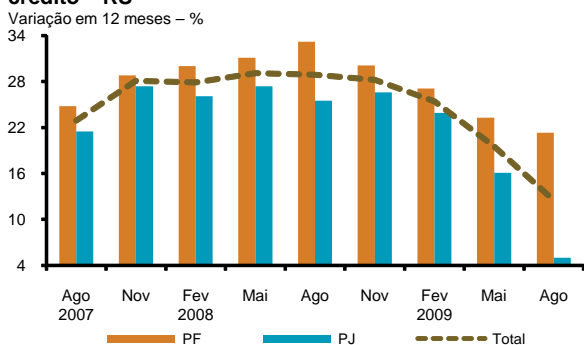
O Icei do Rio Grande do Sul, calculado pela Fiergs, retornou à zona de otimismo e atingiu 55 pontos em julho, ante 47 em abril e 54 em igual mês de 2008. A recuperação do indicador refletiu as melhoras assinaladas no componente que avalia expectativas e naquele que considera a percepção dos empresários sobre as condições atuais, que se mostraram otimistas, em especial, quanto à situação da própria empresa.

A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos no mercado imobiliário de Porto Alegre, expressando a relação

7/ Exposição Internacional de Animais, realizada anualmente no Rio Grande do Sul, importante evento agropecuário e de maquinário da América Latina.

entre vendas e oferta, alcançou 11,3% em agosto, ante 12,8% em igual mês de 2008, de acordo com a Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, realizada mensalmente pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS). A taxa média relativa ao período de doze meses encerrado em agosto atingiu 9,7%, ante 15,5% em igual intervalo do ano anterior, quando o indicador passou a registrar, neste tipo de comparação, trajetória decrescente, em resposta ao acirramento da crise financeira que afetou negativamente as expectativas de ganhos em investimentos de médio e longo prazos. A retração da indústria da construção civil é ratificada pela evolução do Índice de Vendas do Comércio (IVC), calculado pela Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), que registrou, no primeiro semestre de 2009, recuos de 7,9% em Porto Alegre e de 13,9% no estado, em relação a igual período de 2008.

Gráfico 5.18 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS



O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no estado totalizou R\$81,5 bilhões em agosto, elevando-se 12,5% em doze meses e recuando 0,4% em relação a maio. Os empréstimos no segmento de pessoas físicas atingiram R\$40,4 bilhões, aumentando 21,3% em doze meses e 3% no trimestre, com destaque para o desempenho das modalidades financiamento habitacional, crédito consignado e aquisição de veículos. A carteira das pessoas jurídicas totalizou R\$41,1 bilhões, registrando variações de 5% em doze meses e de -3,6% no trimestre, com ênfase nos recuos das operações contratadas por *holdings* de instituições não financeiras e pelas indústrias de máquinas e equipamentos e de siderurgia.

O superávit primário do governo estadual e dos principais governos municipais do Rio Grande do Sul totalizou R\$1,6 bilhão nos oito primeiros meses do ano, apresentando aumento de 1,7% em relação ao mesmo período de 2008. Registrou-se uma melhora de 13,2% no superávit do governo do estado e reduções de 60% e 88,5%, respectivamente, nos superávits dos governos da capital e dos demais municípios.

Tabela 5.24 – Necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

Rio Grande do Sul	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2008 Jan-ago	2009 Jan-ago	2008 Jan-ago	2009 Jan-ago
Total	-1 565	-1 591	4 528	855
Governo estadual	-1 349	-1 527	4 502	832
Capital	-137	-55	21	12
Demais municípios	-79	-9	5	11

^{1/} Inclui o governo e os principais municípios do estado. Dados preliminares.

Os juros nominais, apropriados por competência, atingiram R\$855 milhões, recuando 81,1% no período, com ênfase na contribuição, para esse resultado, da deflação de 1,6% registrada pelo IGP-DI nos dois primeiros quadrimestres de 2009. Vale mencionar que esse índice é utilizado como indexador para a maioria dos passivos regionais renegociados com a União, parcela mais significativa do endividamento subnacional.

Tabela 5.25 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

Rio Grande do Sul	R\$ milhões					
	Dívida 2008	Fluxos acumulados em 2009				Dívida ^{2/} 2009
		Dez	Jan-ago	Primário	Juros Nominal ^{3/}	
Total	38 610	-1 591	855	-736	-519	37 355
Gov. estad.	38 575	-1 527	832	-695	-482	37 398
Capital	84	-55	12	-43	-31	10
Demais mun.	-48	-9	11	2	-7	-53

1/ Inclui o governo e os principais municípios do estado. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.26 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

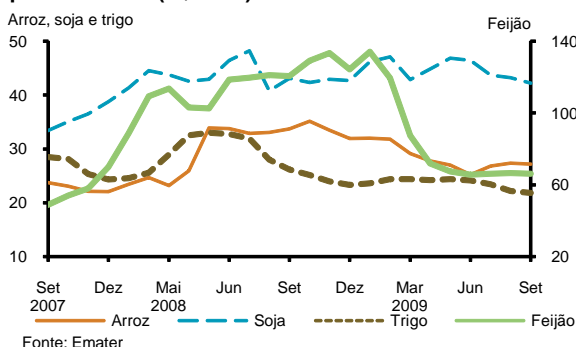
Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação % 2009/2008
		2008	2009	
Grãos	70,9	22 960	22 286	-2,9
Soja	30,3	7 773	7 913	1,8
Arroz (em casca)	22,8	7 371	7 913	7,3
Milho	11,2	5 322	4 249	-20,2
Trigo	4,9	2 058	1 764	-14,3
Outras lavouras				
Fumo	11,7	446	444	-0,4
Mandioca	4,0	1 340	1 288	-3,9
Uva	2,8	776	737	-5,0
Maçã	2,1	515	557	8,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2009.

Gráfico 5.19 – Preços médios mensais pagos ao produtor – RS (R\$/saca)



Fonte: Emater

O superávit nominal totalizou R\$736 milhões nos oito primeiros meses do ano, ante déficit de R\$3 bilhões em igual período de 2008. Essa reversão refletiu, principalmente, a melhora no resultado do governo estadual. No caso dos governos da capital e dos demais municípios, observou-se quedas nos resultados nominais, apurando-se, na ordem, superávit de R\$43 milhões e déficit de R\$2 milhões.

A dívida líquida do estado e principais municípios atingiu R\$37,4 bilhões em agosto, reduzindo-se 3,3% em relação a dezembro de 2008. A participação do estado no endividamento regional total, considerados todos os estados e os principais municípios da região Sul, diminuiu de 59,9% para 59,6% no período.

A safra de grãos do Rio Grande do Sul deverá apresentar redução anual de 2,9% em 2009, ante recuos respectivos de 13,6% e 8,6% projetados para a região Sul e o país, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE. O desempenho estadual refletiu, em especial, o impacto das retrações nas culturas de milho, 20,2%, e trigo, 14,3%, neutralizado, em parte, pelos acréscimos respectivos de 22,4% e 7,3% assinalados nas safras de feijão e de arroz.

Em relação às culturas permanentes, assinalem-se a queda de 5% registrada na produção de uva, evidenciando os efeitos da seca registrada no estado, e a elevação de 8,1% na relativa a maçã, cujos preços médios elevaram-se, na ordem, 58,9% e 11,4% nos nove primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, de acordo com o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Levantamento realizado pela Emater/RS em agosto, em 337 municípios com representatividade superior a 75% da área a ser cultivada, revelou que a próxima safra das principais culturas de verão – soja, milho, arroz e feijão – deverá totalizar 21 milhões de toneladas e ocupar área de 6,4 milhões de hectares. A área destinada ao cultivo de milho, evidenciando o desestímulo ao plantio desta cultura, em cenário de estoques e de custos de produção elevados, deverá recuar 8,2%, contrastando com o aumento de 3,2% projetado para a área ocupada pela cultura de soja, para a qual está estimada elevação anual de 20%.

O Primeiro Levantamento de Intenção de Plantio da safra de 2010, realizado pela Conab em outubro, estimou crescimento de 0,9% a 2,7% para a produção de grãos do estado, que deverá ocupar área em torno de 7,5 milhões de hectares. A área destinada à cultura de milho deverá recuar

Tabela 5.27 – Indicadores da pecuária – RS

Agosto de 2009

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates ^{1/}			
Bovinos	-0,6	-12,4	4,8
Suínos	2,3	-7,6	-20,3
Aves ^{2/}	-7,8	-8,1	12,2
Leite ^{3/}	2,9	-	-4,0

Fonte: Emater/RS, Embrapa Gado de Leite, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

1/ Número de animais.

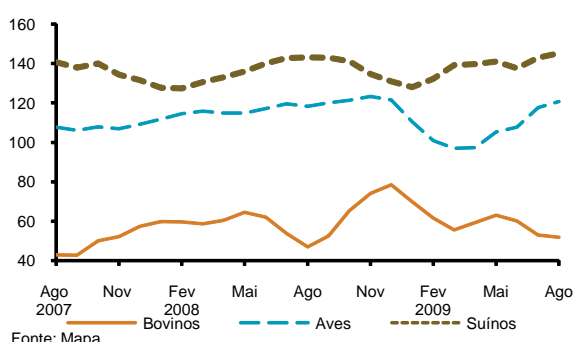
2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros.

Gráfico 5.20 – Abates de animais – RS

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

de 5% a 8%, enquanto para a ocupada pelo cultivo da soja está projetado aumento entre 2% e 4%.

Os abates de aves, bovinos e suínos registraram variações respectivas de -7,8%, -0,6% e 2,3% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, de acordo com estatísticas do Mapa, enquanto suas exportações recuaram, na ordem, 8,1%, 12,4% e 7,6%. De acordo com a Emater/RS, os preços médios dessas carnes registraram variações respectivas de 12,2%, 4,8% e -20,3%, no período, ressaltando-se que o recuo dos preços no segmento de suínos refletiu a redução da demanda externa, enquanto as elevações nos relativos a aves e bovinos, sua absorção pelo mercado interno.

A produção gaúcha de leite cresceu 2,9% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2008, de acordo com estatísticas do IBGE para o primeiro semestre e estimativas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Gado de Leite para os demais meses. Os preços recebidos pelos produtores, apesar de registrarem recuperação na margem, assinalaram retração acumulada de 4% no ano, até agosto, ante redução de 4,3% até maio, conforme dados da Emater/RS.

O superávit comercial do estado totalizou US\$4,4 bilhões nos nove primeiros meses do ano, ante US\$3 bilhões em igual período de 2008, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$11 bilhões e as importações, US\$6,6 bilhões, registrando retrações respectivas de 23,7% e 41,9% que decorreram, de acordo com estimativas do Banco Central, de reduções, na mesma ordem, de 13,3% e 28,5% nos preços e de 11,9% e 18,7% nas quantidades.

Tabela 5.28 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	14 464	11 039	-23,7	-25,9
Básicos	5 843	5 620	-3,8	-15,3
Industrializados	8 621	5 419	-37,1	-31,7
Semimanufaturados	1 298	705	-45,7	-30,8
Manufaturados ^{1/}	7 323	4 714	-35,6	-32,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O desempenho das vendas externas refletiu a ocorrência de recuos nos embarques de todas as categorias de fator agregado, mais intensa em produtos semimanufaturados, 45,7%, impactada pelas contrações observadas nas vendas de óleo de soja, 54,3%, e couros, 46,9%. As exportações de produtos manufaturados recuaram 35,6%, com destaque para a redução de 32,9% registrada nas vendas de calçados, enquanto as relativas a produtos básicos decresceram 3,8%, com ênfase nas reduções relativas a carnes, 32,9%. Considerados os principais países de destino, as vendas direcionadas à China aumentaram 37,1% no período, enquanto as destinadas aos EUA e à Argentina decresceram, na ordem, 57,4% e 27,6%, ressaltando-se que esses três países absorveram, em conjunto, 34,6% das exportações do estado.

Tabela 5.29 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	11 455	6 660	-41,9	-31,0
Bens de consumo	1 100	836	-24,0	-10,6
Duráveis	837	593	-29,2	-16,8
Não duráveis	263	243	-7,6	-2,7
Bens de capital	1 583	1 302	-17,8	-20,8
Bens intermediários	5 028	2 717	-46,0	-32,5
Combustíveis	3 744	1 805	-51,8	-52,4

Fonte: MDIC/Secex

A segmentação das importações, segundo categorias de uso final, revelou que as aquisições de combustíveis decresceram 51,8% nos primeiros nove meses do ano, enquanto as relacionadas a matérias-primas e produtos intermediários, impactadas pelo recuo de 34,7% nas compras de naftas, e as referentes a bens de consumo duráveis, evidenciando o decréscimo de 30,7% assinalado nas importações de automóveis, registraram reduções respectivas de 46% e 29,2%. As compras de bens de capital recuaram 17,8%, e as de bens de consumo não duráveis, 7,6%, ressaltando-se a redução de 50% nas aquisições de cebolas frescas ou refrigeradas, em contraste com a elevação de 72,4% nas relativas a fumo. As compras de produtos provenientes da Argentina, Nigéria e Argélia representaram, em conjunto, 53,7% do total adquirido pelo estado nos nove primeiros meses do ano.

Tabela 5.30 – Evolução do emprego formal –**Rio Grande do Sul**

Novos postos de trabalho

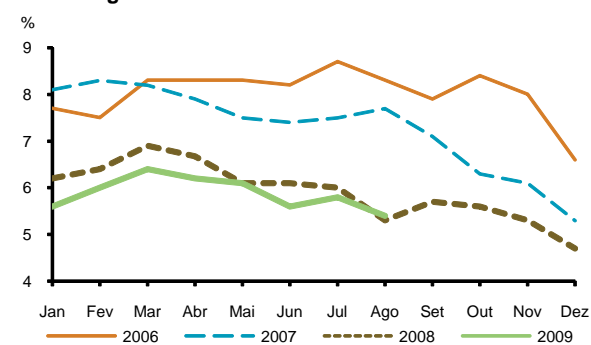
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008		2009		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	17,3	27,4	-24,1	3,6	9,1
Ind. de transformação	5,8	-5,1	-21,9	-3,1	-3,9
Comércio	5,0	15,7	-2,4	2,8	4,1
Serviços	10,4	12,8	-0,3	11,5	7,2
Construção civil	3,9	0,7	-1,9	1,0	3,4
Agropecuária	-8,4	2,9	2,6	-8,7	-1,9
Serv. ind. de util. pública	0,1	0,2	0,1	0,4	-0,1
Outros ^{2/}	0,5	0,2	-0,4	-0,3	0,4

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Consolidando a recuperação gradual do emprego formal no estado, estatísticas do Caged/MTE revelam a criação de 9,1 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em agosto, ante 17,3 mil em igual período de 2008 e 3,6 mil no trimestre finalizado em maio, dos quais 7,2 mil no setor de serviços, 4,1 mil no comércio e 3,4 mil na construção civil. Em sentido inverso, a indústria de transformação registrou, liquidamente, 3,9 mil rompimentos de contratos de trabalho no trimestre, dos quais 8,8 mil associados às eliminações sazonais assinaladas nas indústrias de borracha, fumo e couro. Vale mencionar que, incorporadas as vagas criadas no trimestre encerrado em agosto, registraram-se, no estado, 5,5 mil empregos formais a mais do que em outubro de 2008, quando a economia passou a refletir os efeitos do acirramento da crise internacional.

O nível de emprego formal aumentou 0,7% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia recuado 0,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, com ênfase nas expansões observadas nos segmentos construção civil, 2,2%; comércio, 1,1%; e serviços, 1%.

Gráfico 5.21 – Taxa de desemprego aberto – Porto Alegre

Fonte: IBGE

De acordo com a PME do IBGE, a taxa de desemprego aberto na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 5,4% em agosto, 0,1 p.p. acima da assinalada em igual mês de 2008, refletindo decréscimos de 0,1% na PEA e de 0,2% na população ocupada. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego recuou 0,4 p.p. em agosto, em relação a maio, reflexo de acréscimos de 1,7% na ocupação e de 0,7% na PEA. No trimestre, o rendimento médio real habitualmente recebido e a massa salarial real cresceram 1,9% e 6,5%, respectivamente, enquanto no período de doze meses ambos aumentaram 6,1%.

Gráfico 5.22– Rendimento habitual médio real^{1/} – Porto Alegre

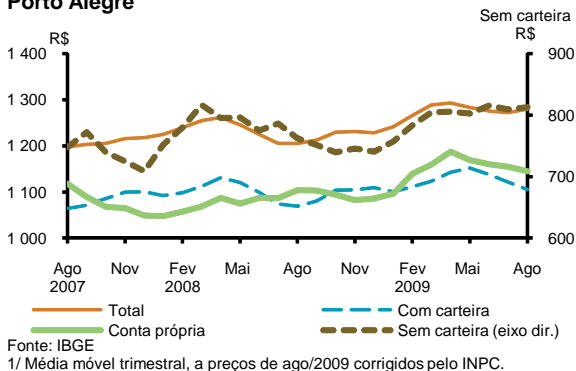


Tabela 5.31 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2008	2009		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	1,17	0,78	1,70	0,41
Livres	73,2	1,21	0,78	1,83	0,28
Comercializáveis	35,9	1,48	-0,37	2,64	-1,18
Não comercializáveis	37,3	0,94	1,91	1,06	1,71
Monitorados	26,8	1,08	0,78	1,32	0,76
Principais itens					
Alimentação	23,1	1,89	0,94	2,44	-0,76
Habitação	14,2	1,18	-0,06	3,32	1,48
Artigos residência	4,8	1,06	-1,20	-0,10	-0,38
Vestuário	7,3	3,42	-1,39	3,70	-0,38
Transportes	18,1	0,00	-0,09	-1,16	0,51
Saúde	10,6	0,63	1,30	1,85	0,63
Despesas pessoais	10,6	1,84	1,67	3,81	2,00
Educação	6,4	0,17	6,59	0,14	0,58
Comunicação	4,9	0,06	0,40	0,03	0,32

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2009.

O IPCA da RMPA aumentou 0,41% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,70% naquele finalizado em junho, evolução decorrente das desacelerações registradas nas variações dos preços livres, de 1,83% para 0,28%, e dos monitorados, de 1,32% para 0,76%. O desempenho dos preços nesse segmento refletiu, em grande parte, o impacto das reduções assinaladas nos itens passagens aéreas, 29,18%, e energia elétrica residencial, 0,10%, e da menor variação na relativa a produtos farmacêuticos, enquanto, em sentido contrário, o preço da gasolina aumentou 2,42%.

O comportamento dos preços livres traduziu, fundamentalmente, a desaceleração, de 2,64% para -1,18%, observada na variação dos preços dos itens comercializáveis, com ênfase na retração assinalada no item leites e derivados, 11,44%, consistente com o crescimento das importações do produto em pó. A variação dos preços dos itens não comercializáveis registrou aceleração de 1,06% para 1,71%, no período, trajetória decorrente, em especial, dos aumentos registrados nos itens condomínio, 4,50%, e frutas, 20,96%.

Considerados períodos de doze meses, a inflação da RMPA atingiu 4,12% em setembro, ante 5,05% em junho, recuo derivado do impacto menos acentuado da aceleração, de 3,66% para 4,01%, registrada na variação dos preços dos itens monitorados, em relação ao proporcionado pela desaceleração, de 5,56% para 4,16%, na relativa aos preços livres, com ênfase nas reduções observadas nos aumentos nos grupos alimentação, 1,82 p.p., e vestuário, 2,84 p.p.

Indicando menor dispersão dos reajustes de preços, o índice de difusão atingiu, em média, 49,6% no trimestre finalizado em setembro, ante 52% no trimestre encerrado em junho.

As expectativas de continuidade da recuperação da economia gaúcha, enfatizadas no boletim anterior, se revestiram de maior consistência nos últimos meses. Esse movimento, evidenciado pelo desempenho, na margem, dos principais indicadores econômicos do estado, é fortalecido pelo comportamento favorável dos preços e pelos indicativos de retomada da atividade nas principais economias maduras. Vale mencionar que as medidas de política fiscal e creditícia adotadas pelo governo federal nos últimos meses neutralizaram os possíveis impactos da redução do dinamismo da agricultura gaúcha sobre a renda agrícola do estado e, em consequência, sobre a sustentação da demanda por máquinas e equipamentos no setor, fundamental para assegurar ganhos de produtividade na próxima safra de verão.